



OLAC

OBSERVATORIO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

Revista

OBSERVATORIO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe · IEALC

ISSN 1853-2713

<https://publicaciones.sociales.uba.ar/observatoriolatinoamericano/>

Volumen 8 · Número 1 (enero-junio, 2024)

Mulheres intelectuais em revistas culturais alternativas dos anos setenta: desvendando *Versus* e *Almanaque*

Mariana Link Martins y Claudia Lorena Da Fonseca

RECIBIDO: 30 de mayo de 2024

APROBADO: 20 de julio de 2024

Mulheres intelectuais em revistas culturais alternativas dos anos setenta: desvendando *Versus* e *Almanaque*

Mariana Link Martins
Univesidade Federal de Pelotas
marianalinkk@gmail.com

Claudia Lorena da Fonseca
Univesidade Federal de Pelotas
fonseca.claudialorena@gmail.com

Resumen

Este trabalho investiga a participação de mulheres intelectuais nas revistas culturais *Versus* (1975-1979) e *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio* (1976-1982), que circularam no final dos anos setenta no Brasil, como parte da imprensa alternativa, fenômeno jornalístico e político de resistência à ditadura militar (1964-1985). Tendo em vista que, por muito tempo, as mulheres foram impedidas de compor o discurso intelectual, bem como tiveram sua História negada e negligenciada, nosso objetivo é resgatar os trabalhos daquelas que atuaram no movimento intelectual de oposição ao regime militar. Também buscamos refletir sobre a presença de figuras femininas nesses espaços historicamente masculinos e o modo como as revistas comportavam-se em relação aos assuntos especificamente feminino e feministas. Para tanto, embasamos nossa análise, sobretudo, nos estudos teóricos de Beatriz Sarlo (1992), Maria Lucia Camargo (1998) e Regina Crespo (2011; 2018). A pesquisa evidenciou que, embora a presença feminina em ambas as revistas seja baixa quando comparada à masculina, muitas mulheres dedicaram seu trabalho intelectual à *Versus* e à *Almanaque*, contribuindo, portanto, com suas históricas trajetórias.

Palabras clave: *Mulheres intelectuais – revistas culturais – Versus – Almanaque*

Abstract

This paper investigates the participation of women intellectuals in cultural magazines *Versus* (1975-1979) and *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio* (1976-1982), which circulated in the late 1970s in Brazil as part of the alternative press, a journalistic and political phenomenon of resistance to the military regime (1964-1985). Given that, for a long time, women were barred from intellectual discourse, and had their history denied and neglected, our objective is to recover the work of those who were active in the intellectual movement opposing the military regime. In addition, we sought to reflect on the presence or absence of female figures in these spaces historically forged as masculine and how the periodicals studied behaved in relation to specifically feminine and feminist topics. To this end, we base our analysis, above all, on the theoretical studies of Beatriz Sarlo (1992), Maria Lucia Camargo (1998) and Regina Crespo (2011; 2018). The research showed that although the presence of women in both magazines is low when compared to men, many women have dedicated their intellectual work to *Versus* and *Almanaque*, thus contributing to their historical trajectories.

Keywords: *Women intellectual – cultural magazines – Versus – Almanaque.*

Introdução

Os anos setenta no Brasil foi um período, acima de tudo, marcado por medo e angústia, caracterizado pela violência da ditadura civil-militar (1964 – 1985). Contudo, também foi um momento que registrou intensas transformações políticas, sociais e, sobretudo, culturais. A resistência intelectual e artística, fortalecida logo após o golpe em 1964, estava desarticulada no início da década graças ao Ato Institucional nº5, o famoso AI-5, decretado no fim de 1968 pelo governo militar. Somente após 1975, quando os militares anunciam uma “distensão política, lenta e gradual”, que a cultura volta a ser o lugar da rearticulação política.

No entanto, mesmo com a perspectiva de abertura e a renovação da resistência, uma sensação de vazio cultural estava presente após tantos anos de repressão violenta. Nesse sentido, conforme Maria Lucia Camargo (1998), com o propósito de preencher esse vazio, de tapar o oco feito pela ditadura militar, intensificou-se, nesse período, a publicação de revistas culturais e literárias, as quais pretendiam suprir essa falta, acrescentando o que estava faltando, isto é, um projeto cultural. Ademais, estavam inscritas sobre o imaginário da resistência, considerando-se que resistiam “ao estado policialesco, às velhas tradições, à transformação da arte em mercadoria de consumo rápido e à ascensão da cultura de massas” (Camargo, 1998, p. 3).

As revistas *Versus* e *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio* nascem dessas circunstâncias históricas complexas, do ímpeto de resistir às estruturas dominantes e modificar o cenário intelectual e artístico sufocado pela ditadura. Entretanto, é preciso esclarecer, criar revistas para manifestar ideais e movimentos não é uma prática isolada do Brasil, nem dos anos setenta. No contexto latino-americano, segundo Beatriz Sarlo (1992), a publicação de periódicos político-culturais que representavam grupos de intelectuais consolidou-se como uma prática recorrente em momentos em que se fazia necessário intervir na conjuntura presente com a intenção de modificá-la. Nesse sentido, para a autora (1992), o tempo das revistas é seu presente e, por isso, elas são consideradas mapas das relações intelectuais de uma época.

Levando em consideração que a intelectualidade é uma esfera consolidada historicamente como masculina, interessa-nos, neste trabalho, consultar esses mapas de que fala Sarlo, buscando entender quais lugares as mulheres intelectuais ocupavam na resistência cultural à ditadura civil-militar brasileira. A pesquisa parte das duas revistas citadas: *Versus* (1975 - 1979) e *Almanaque* (1976 - 1982), publicações que, embora façam parte do mesmo movimento, apresentam diferenças significativas, em especial na configuração de suas redações, e justamente por isso possibilitam reconstruir a conjuntura intelectual do período por meio de uma análise comparativa. Pensar o papel das mulheres em distintas

formas de construção editorial permitirá atingir uma análise mais completa. Além disso, buscamos também resgatar as memórias das mulheres que fizeram parte da luta intelectual pela redemocratização da sociedade brasileira, dando visibilidade aos seus trabalhos.

Para tanto, partimos de um olhar crítico feminista e utilizamos a metodologia sugerida por Regina Crespo (2011) para o estudo de revistas culturais e literárias latino-americanas, a qual consiste em uma análise interdisciplinar, fundamentada na articulação entre as publicações, os grupos intelectuais e a conjuntura histórica e sociocultural. Ainda em conformidade com a autora, identificamos as revistas escolhidas como “baluartes culturais”, portanto o estudo tem como princípio básico a noção de que ambas são “polo emissor e campo de intersecção de propostas culturais, artísticas, literárias e políticas” (Crespo, 2011, p. 107).

Os perfis de *Versus* e *Almanaque*

Em outubro de 1975 chegava às mãos das brasileiras e dos brasileiros a primeira edição de *Versus*, um “jornal bimestral de reportagens, ideias e cultura”, que revolucionou o jornalismo alternativo de resistência à ditadura civil-militar. Fundada pelo jornalista gaúcho Marcos Faerman, a publicação paulista elegeu a ação cultural como prática política e assumiu o propósito de representar a América Latina no Brasil. Em seus quatro anos de circulação, publicou 34 edições, com cinquenta páginas em média, mais alguns números especiais, dentre eles três em formato de quadrinhos. Distribuída de forma precária no início, vendida de mão em mão por seus editores e colaboradores e em algumas bancas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, seu alcance nacional não demorou, já em dezembro de 1976, estava nas bancas de todo o país, distribuído pela editora Abril. No ano seguinte, sua tiragem chegou a 30 mil exemplares por edição. Como muitos de seus colaboradores eram de outros países, *Versus* também circulou internacionalmente, rompendo, assim, com diversas barreiras e chegando em muitos lugares, para muitas pessoas, mesmo em um momento complexo, onde a repressão estivera violenta, apesar da promessa de uma abertura política apresentada pelos militares.

Sua ampla circulação foi possível porque manteve-se longe do crivo da censura, pois, além de produzir um jornalismo literário, no qual as críticas eram feitas a partir de ficções, histórias em quadrinhos, poesias, entre outras manifestações que permitiam o uso de uma linguagem metafórica, muitas vezes seus editores praticaram a autocensura, conforme relata Omar de Barros Filho (2007), editor da publicação durante seus quatro anos. Para Regina Crespo (2018), no entanto, seu grande alcance se deu, especialmente, pelo projeto inovador de Faerman, algo não visto em outros jornais ou revistas da imprensa

alternativa: uma revista¹ de resistência caracterizada pela identidade latino-americana e marcada pelo ímpeto de se opor desde seu nome – *Versus*, uma preposição que significa oposição.

No ano seguinte, em 1976, é a vez do lançamento de *Almanaque*. Uma revista idealizada por professoras e professores da Universidade de São Paulo (USP) e coordenada pela crítica literária Walnice Nogueira Galvão e pelo filósofo Bento Prado Júnior. Com 14 números publicados, tiragem média de 3.000 exemplares e sem periodicidade fixa, *Almanaque*, que circulou até 1982, apresentou em suas páginas ensaios acadêmicos, pesquisas, resenhas, traduções, entrevistas, cartas, dissertações de mestrado, teses de doutorado, trechos de livros, além de obras ficcionais e poéticas. Essas manifestações, na maioria, estavam ligadas a temas filosóficos e a teorias da literatura, por isso a revista era destinada a um público mais intelectualizado.

A publicação foi pensada e elaborada por sobreviventes do período mais repressivo da ditadura. Por essa razão, se constitui em um periódico de oposição ao regime militar, argumento que se comprova definitivamente por afirmação de sua idealizadora Walnice Nogueira Galvão (2021). Ao ser composta por um grupo editorial filiado à uma universidade com grande representatividade nos movimentos de oposição e por ousar publicar produções de intelectuais que eram de esquerda, a revista assume uma postura antagônica, demonstrando a posição crítica que seus editores e colaboradores escolheram. Em determinado momento de seu depoimento sobre *Almanaque*, Galvão (2021) declara que eles pertenciam ao fenômeno de maio de 1968, então eram defensores da revolução cultural e da democratização do ensino universitário. Portanto, essa era a orientação que deu vida à revista, oriunda justamente do fenômeno de suprir o vazio cultural deixado pela ditadura, do qual fala Camargo (1998).

Destoando de grande parte da resistência intelectual, a publicação de oposição gestada na USP tinha como princípio fundador a diversão, pois segundo Galvão (2021) também foi criada para que seus participantes pudessem se divertir, já que com a ditadura *eles sofriam o suficiente*. Além disso, seu principal objetivo era continuar sobrevivendo. Não queriam atrair a repressão e assim utilizavam estratégias para não serem censurados. Por isso, planejaram cuidadosamente o título da revista: *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio*, um nome que de fato não levantou suspeitas, porque em nada indicava o espírito combativo da sua redação. Contudo, esse título evidencia o projeto da revista, tanto por

¹ *Versus* anunciava-se como um jornal, porém, segundo Crespo (2018) todas as suas características a constituem, tecnicamente, como uma revista: “periodicidade dilatada; manutenção de um número de páginas fixo (cerca de 40 páginas por edição); produção editorial cuidadosa; inovação permanente da parte gráfica, com páginas muito bem construídas espacialmente, ilustrações e charges elaboradas e espaço privilegiado para histórias em quadrinhos; pauta construída sobre densas reportagens, artigos opinativos e entrevistas dinâmicas e inteligentes” (Crespo, 2018, p. 294). Dessa forma, neste trabalho, optamos por utilizar a classificação de Crespo (2018).

sua forma de disfarce, como por sua manifestação ambígua. O periódico era tanto um almanaque, uma publicação popular e da indústria cultural, como também era um caderno de literatura e de ensaio, ligado normalmente a uma elite cultural, acadêmica e especializada. Com esse título, ela resume o que virá em suas páginas, uma tentativa de reunir, sem antagonismos, a indústria cultural com a arte e a academia.

Diferente de *Versus*, que tinha produção própria e era comercializada em bancas, *Almanaque* foi publicada por meio de uma editora, a Brasiliense, e vendida em livrarias. Então, embora pretendesse ser para todos os públicos, o fato é que foi uma publicação de circulação relativamente restrita, sobretudo nos meios acadêmicos. Uma revista de crítica literária dificilmente seria consumida por um público não especializado. Mesmo o tom de informalidade adotado exigia um conhecimento prévio ou uma familiaridade não apenas com as áreas e temas abordados, mas também com o discurso acadêmico.

Enquanto *Versus* mantinha-se de forma precária, dependendo dos salários de seus próprios colaboradores, de patrocinadores, de anúncios e de seus assinantes, *Almanaque* não dependia de patrocínio externo, nem de publicidade, tampouco de assinantes, pois era bancada por uma editora. Sendo assim, pode-se definir *Almanaque* como pertencente a uma elite acadêmica e *Versus*, apesar de também ser lida e construída por parte dessa comunidade, enquadra-se em uma categoria mais popular.

Por circularem nesse período e serem publicações de oposição, as duas revistas são parte da imprensa alternativa, fenômeno jornalístico e político que tinha como objetivo opor-se ao regime militar e denunciar suas atrocidades. De acordo com Maria Paula Araújo (2000), os alternativos são divididos em três categorias: jornais de esquerda, revistas de contracultura e publicações de movimentos sociais. A autora coloca *Versus* na categoria de jornais de esquerda, uma vez que, apesar de ser uma publicação cultural, o seu projeto consistia em utilizar a cultura como ação política. De fato, a bandeira política estava à vista em todos os números do periódico, nitidamente como um representante da esquerda.

Almanaque caracteriza-se como uma revista de contracultura, já que nasce desse ímpeto de resistir às estruturas dominantes, anunciado já em seu primeiro número publicado, quando, com o título desapresentação, escreve: “Contrafeito a demitir letra e til, cedilha e hífen, verá que só se escreve em não” (*Almanaque*, 1976, p. 75). Todavia, é plausível também pensar *Versus* como parte da mesma categoria da outra publicação analisada, uma vez que aquela também se colocou contra as mesmas condições. Posição já afirmada pela revista dirigida por Faerman desde seu primeiro editorial: “Um jornal distante das igrejinhas intelectualistas. [...] estranho à demanda populista que tanto fascina alguns. Um jornal que não tem vergonha de ser apaixonado, apesar da moda ser o sociologuês e o economês (*Versus*, 1976, p. 2).

Mesmo que *Almanaque* e *Versus* tomem diferentes posições em relação à ação cultural, ambas são baluartes culturais (Crespo, 2018), pois expressam propostas políticas, artísticas e literárias. Essas configurações distintas, aqui resumidas brevemente, permitem reconstruir a conjuntura intelectual do período, conforme será possível constatar na seção seguinte. Ao elaborar uma análise comparativa entre duas revistas tão diferentes - mas que pertencem ao mesmo fenômeno de resistência cultural, podemos observar o contexto de modo mais amplo, captando a personalidade daquele presente no que concerne às mulheres intelectuais, foco de nossa discussão neste trabalho.

Revista é coisa de mulher

*Ele se assustou quando não deixei me interromper
Ele não gostou quando mostrei saber
Ele se alterou quando viu que eu sabia ler
Então gritou quando percebeu que eu podia escrever.*

(Jamille Santos)

Para as mulheres, a habilidade de escrever representa não apenas um ato de resistência, como também uma força motriz, capaz de criar rachaduras na estrutura patriarcal. Marta Nunes da Costa (2019) declara que é a partir da intervenção escrita que as mulheres se afirmaram como sujeitos existentes e públicos. Essa desobediência ao patriarcado, o qual instituiu historicamente as mulheres como não-sujeitos, significa um perigo para a dominação masculina da sociedade. Por isso, o acesso à educação foi tão importante para o avanço do desenvolvimento intelectual coletivo das mulheres, uma vez que possibilitou sua apropriação da escrita e o reconhecimento de sua capacidade mental.

Nesse sentido, de acordo com Constância Lima Duarte (2017), a partir do momento que as mulheres tiveram acesso ao letramento, elas apropriaram-se da leitura, o que permitiu-lhes ter consciência do lugar subalterno que ocupavam na sociedade e de como seu analfabetismo era uma exceção quando comparado ao dos homens. Logo começaram a adentrar à literatura, como ficcionistas ou poetisas, também passaram a ser críticas e produzir escritos engajados tanto em favor de seus direitos, como em relação a outros temas. Duarte aponta que, no caso brasileiro, os jornais e as revistas foram os primeiros espaços onde as mulheres publicaram seus trabalhos letrados. Mais do que os livros, completa a autora, foram estes os principais veículos de divulgação de obras femininas, o que acabou por transformá-los também em espaços de união e resistência.

A perspectiva de Duarte (2017) pode ser exemplificada na revista *Versus* a partir de duas mulheres que a procuraram em 1977 para exercer sua intelectualidade. A primeira é Neusa

Maria Pereira, uma mulher negra e jovem, de 28 anos na época. Recém formada em Jornalismo, constatou que a dificuldade a qual enfrentava na busca por um emprego na área estava intrinsecamente relacionada à cor da sua pele, por isso escreveu um manifesto, intitulado “Pela mulher negra”, no qual expõe sua indignação frente ao lugar que as mulheres negras ocupavam na sociedade brasileira, cotidianamente encaradas como objeto sexual de consumo fácil e discriminadas em todos os setores do mercado de trabalho. Em seu texto, posteriormente publicado na 11ª edição da revista, Neusa clama por mudanças, reivindica que a herança escravocrata não seja a realidade das mulheres negras e convoca uma luta conjunta para que transformações sejam possíveis.

O desejo de apresentar ao mundo suas pautas fez com que Neusa procurasse um periódico alternativo para publicar seu manifesto. Conta, em depoimento, que escolheu *Versus* porque muitos de seus jornalistas também eram do *Jornal da Tarde*, o qual muito admirava por seu caráter de vanguarda e sua contribuição para importantes modificações estéticas e de conteúdo no jornalismo brasileiro (Pereira, 2015, p. 1). Chegou na redação da revista com seu texto em mãos, já pronto e, mesmo não conhecendo ninguém pessoalmente, manifestou sua vontade de publicá-lo em *Versus*. Iniciativa e emoção eram aspectos fundamentais no jornalismo em que Marcos Faerman acreditava², por isso o manifesto de Neusa foi aceito com muito entusiasmo pelos editores.

A chegada de Neusa na revista impulsionou a criação do caderno “Afro-Latino-América” (ALA), o qual tinha como proposta resgatar a imprensa negra e dar voz aos negros latino-americanos. Idealizado por Faerman e organizado por Neusa, Hamilton Bernardes Cardoso (Zulu Nguxi), Jamu Minka e Lélia Gonzalez, o caderno antirracista ocupou um significativo espaço no contexto sociopolítico da década de setenta. Conforme Lélia Gonzalez (2020), era o único “jornal progressista”, fora dos específicos, que discutia sobre o racismo naquele momento. Ademais, intermediou a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), uma organização criada para lutar pelos direitos do povo negro e desmistificar a falácia da democracia racial brasileira. Ainda hoje, 45 anos depois, o MNU ainda promove o combate ao racismo no país.

Neusa trabalhou no projeto desde seu princípio, ajudando a reunir o grupo que o elaboraria e, já no número 12, a nova seção tornou-se uma realidade, bem como a sua participação definitiva em *Versus*. Por quase dois anos fez parte do elenco da revista: foi colaboradora por nove edições e editora assistente em outras três, publicou reportagens e ensaios sobre diversos temas, sobretudo nas páginas do caderno ALA. Também conduziu entrevistas, as quais tinham como foco diferentes temáticas que não estavam diretamente

² Ver FAERMAN, M. As palavras aprisionadas. *Versus*, n° 7, dez./jan. 1976, p.38.

relacionadas à comunidade negra e suas lutas específicas. Neusa, portanto, não ficou restrita à seção antirracista. Colaborou e interagiu com outros setores, inclusive como parte do corpo editorial, ao lado dos jornalistas que tanto admirava.

A outra mulher é Isabel Vieira³, na época uma estudante do terceiro ano da faculdade de jornalismo que também começou a atuar em *Versus* em 1977. Assim como Neusa, procurou a redação para iniciar sua carreira na área com uma reportagem sobre uma comunidade de caiçaras isolada no litoral norte de São Paulo. Desde então, a jornalista passou a fazer parte da redação, publicando inúmeras reportagens de fôlego, sobre temas essenciais na narrativa da revista: política, povos escravizados, lutas trabalhistas e ditadura militar.

Mulheres publicando sobre tais assuntos era uma ação incomum na época. Segundo Rachel Moreno (1976), outra colaboradora da revista, no âmbito da imprensa o mais comum naquele tempo era encontrar mulheres trabalhando na seção de assuntos variados e no caderno feminino ou, ainda, na parte de revisão. “Economia, política e coisas mais importantes, e melhor pagas, geralmente [eram] só para homens” (Moreno, 1976, p. 19). Em *Versus*, no entanto, não funcionava especificamente dessa forma. Ana Maria Sampaio, Bárbara Hartz, Cremilda Medina, Cristina Ribeiro, Elizabeth Marie, Malu Maranhão, Maria Cecília Garcia, Maria Dulce Pinheiro, Mary Alice Waters, Maura Veiga, Susan Branford e Vilma Gryzinski também publicaram reportagens e textos sobre assuntos que normalmente eram exclusivos dos jornalistas masculinos, conforme a afirmação de Moreno. Pode-se concluir, portanto, que em *Versus* não havia uma restrição ao trabalho das mulheres ou uma desvalorização da sua intelectualidade.

Esse aspecto também pode ser observado na outra revista analisada, *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio*, a qual, além de apresentar discussões femininas sobre literatura, filosofia, imprensa, educação, entre outros temas recorrentes da publicação, possuía uma mesa de redação composta por líderes mulheres. Segundo Walnice Nogueira Galvão (2021), umas das coordenadoras da revista, *Almanaque* prezava por igualdade de mulheres e homens na comissão editorial. Embora às vezes o número de homens tenha sido maior, os nomes das mulheres aparecem sempre nas posições superiores. Assim como na coordenação o nome de Walnice vem na frente, na mesa de redação são os de Lígia Chiappini Moraes Leite e Vera Chalmers. Essa característica pode ser interpretada como uma maior participação dessas mulheres em ambas as funções, demonstrando, assim, que *Almanaque* era majoritariamente elaborada por mulheres. O número 12, inclusive, é coordenado inteiramente por Lígia, que além da presença constante na redação, publicou

³ É necessário destacar que as reportagens da jornalista publicadas em *Versus* encontram-se assinadas por Isabel V. Rodrigues ou apenas Isabel Rodrigues. Optou-se por referir-se a ela como Isabel Vieira, porque é o sobrenome que atualmente utiliza para assinar seus trabalhos.

nas páginas da revista. Com cinco textos veiculados, a professora de literatura ocupa o terceiro lugar na lista de colaboradores gerais, junto da filósofa Marilena Chauí.

Versus é caracterizada pelo oposto, já que pouquíssimas mulheres exerceram cargos de liderança. Em quatro anos e 34 números, a revista contou com a liderança de 11 mulheres. Entretanto, essas participações foram, em grande parte, por pouco tempo, logo já eram substituídas. A realidade é que as mulheres aparecem ocupando com maior frequência as funções de colaboradora, secretária, revisora e administradora. Nenhuma mulher ocupou a edição principal por 33 números, como Omar de Barros Filho, por exemplo. Na verdade, a única mulher a ficar responsável pela editoração da revista foi Bárbara Hartz, a qual dirigiu o último número publicado.

Apesar da liderança feminina de *Almanaque*, a quantidade de homens publicando na revista é superior à de mulheres. Em sete anos de circulação, 146 pessoas colaboraram em *Almanaque*, das quais 54 são mulheres. Sendo assim, a presença de mulheres fica em torno de 36% apenas. Em *Versus*, a presença feminina também é significativamente baixa: 28%. No entanto, na publicação de Faerman, das 130 mulheres que colaboraram na revista, somente 65 publicaram em suas páginas, as outras ocuparam cargos de revisão, administração e colaboração. Diferente de *Almanaque*, que veiculou a produção de 48 mulheres do total de 54. Esse aspecto permite chegar à primeira conclusão sobre as publicações: mesmo que *Versus* tivesse uma redação muito maior que a de *Almanaque*, com mais de 400 pessoas, o número de mulheres que difundiram suas ideias e reproduziram seus conhecimentos encontra-se no mesmo nível. Então, a presença da intelectualidade feminina é mais marcante na revista coordenada por Walnice, em vista dos números apresentados.

A falta de similaridade pode ser explicada, principalmente, pela liderança feminina de *Almanaque* e a masculina de *Versus*. Além disso, nesta respirava-se o ar do jornalismo alternativo, independentemente de a publicação não trabalhar com os fatos diários e sim com propostas mais complexas e literárias, sua redação era composta principalmente por jornalistas experientes. Sendo assim, grande parte das mulheres que colaboraram na revista eram profissionais da área, porém colaboraram regularmente na revista mulheres intelectuais de outras categorias, como a filósofa e poeta Diana Bellessi, a fotógrafa Rosa Gauditano, as artistas Conceição Cahú, Ivone Couto e Marlene Crespo, e a médica psiquiatra Marilsa Taffarel Faerman.

Em *Almanaque*, a qual não possuía uma sede e fazia suas reuniões de pauta em uma mesa de bar (Galvão, 2021), a atmosfera era a da academia. Sua mesa de redação era formada por pessoas ligadas à USP ou que, em algum momento de suas vidas, fizeram parte da instituição. Também havia aquelas advindas de outras universidades, mas todas presentes

pertenciam ao meio universitário. Por ser predominantemente elaborada por profissionais com mestrado ou doutorado, *Almanaque* foi polo de encontro de uma elite acadêmica. Logo, as mulheres intelectuais que atuaram na revista eram figuras de destaque, sobretudo na área de Letras e Literatura, como as protagonistas Lígia Chiappini Moraes Leite, Mary Camargo Neves, Teresa Pires Vara, Vera Chalmers e Walnice Nogueira Galvão, além de outras que publicaram em algumas edições, como Dulcília H. Schroeder Buitoni, Heloisa Buarque de Hollanda, Jerusa Pires Ferreira, Maria Aparecida Santilli, Maria Rita Eliezer Galvão, Marisa Philbert Lajolo, Marlyse Madeleine Meyer e Telê Ancona Lopez. De outras áreas destacaram-se Marilena Chauí e Gilda de Mello e Souza, do campo filosófico, Maria Malta Campos, da educação, e as escritoras literárias Miriam Moreira Leite e Zulmira Ribeiro Tavares.

Outra importante constatação, é que não há mulheres publicando nas duas revistas, o que também demonstra como pertenciam a diferentes universos, embora fizessem parte do mesmo movimento cultural. É apenas através de sua produção literária, mais especificamente de sua poesia, que quatro mulheres estão presentes em ambas. A primeira delas é Zulmira Ribeiro Tavares, a qual tem sua obra publicada, o poema “Água”, na primeira edição de *Versus*, assim como em *Almanaque*, no número 4 (“O homem do relógio da luz”) e no número 6 (“Maquinações” e “União estremecida”). As outras são Ana Cristina César, Heloisa Buarque de Hollanda e Leila Miccolis, todas presentes no número 10 de *Almanaque*, as quais também comparecem na 22ª edição de *Versus*, em um ensaio de Claudio Willer sobre a produção poética feminina. Willer discute o tema a partir da poesia de Ana Cristina, Leila Miccolis, Olga Savary e Maria da Graça Biatto e, ao final de seu texto, em nota, agradece à Heloisa Buarque de Hollanda pela indicação das poetisas. O autor também afirma que um ensaio sobre o mesmo tema, de Ana Cristina, seria publicado em breve. Ele referia-se ao texto “Literatura e Mulher: essa palavra de luxo”, também parte da edição 10 de *Almanaque*.

A análise das revistas atestou outra característica distinta entre elas: em *Versus*, muitas das intelectuais que colaboraram com importantes reportagens ou artigos eram do exterior, como Consuelo de Castro, Diana Bellessi, Evelyn Reed, Jean Franco, María Esther Gilio, Mariella Righini, Mary Alice Waters, Simone de Beauvoir, Susan Branford e Susan Griffin. Nos 14 números de *Almanaque* apenas duas não brasileiras publicaram em suas páginas, sendo elas as francesas Hélène Clastres e Jeanne Favret-Saada. Fica claro que *Almanaque* privilegiou as produções das mulheres brasileiras, enquanto *Versus*, apesar de também contar com muitas colaborações dessas, deu um significativo espaço para mulheres de outras partes do mundo. Levando em consideração os diferentes contextos em que estavam envolvidas – jornalístico e acadêmico – pode-se compreender o porquê dessa diferença.

O ambiente acadêmico brasileiro da década de setenta, conforme Duarte (2003), observou uma intensa presença de mulheres, assim como absorveu o feminismo e as teorias a ele relacionadas. Pode-se interpretar que, por ser parte desse círculo, *Almanaque* estava em constante contato com mulheres que produziram ou estavam produzindo conceitos e reflexões. A esfera jornalística, entretanto, ainda não funcionava da mesma forma no país. Conforme Moreno (1976) refletiu, mesmo com a crescente entrada de mulheres na profissão, a desvalorização era imensa, tanto que a maioria trabalhava apenas com assuntos de pouca relevância. Essa realidade pode explicar a publicação de mulheres estrangeiras em *Versus*, já que não estava em um contexto no qual a produção feminina brasileira fosse regular. Mesmo assim, demonstra que se diferenciava da sua própria bolha, uma vez que não restringia o trabalho de mulheres, nem desvalorizava a sua intelectualidade.

Neste ponto, em que foi mencionada a relação de *Almanaque* com a academia e dessa com o feminismo, é preciso estabelecer uma outra comparação, visto que a revista de Walnice e Bento pouco publicou sobre o assunto. Sua única investida, mesmo sendo notável, foi sua 10ª edição intitulada “A Mulher Objeto... de Estudo”, composta por ensaios e literatura feitas por mulheres ou sobre mulheres, apresentando discussões a respeito de temas essenciais na busca pela emancipação feminina, a partir de uma perspectiva feminista. Os textos são assinados por Sonia Curvo Azambuja, Walnice Nogueira Galvão, Ana Cristina César, Heloisa Buarque de Hollanda, Maria Malta Campos, Daisi Malhadas e Silvia M. S. de Carvalho. A edição também conta com uma seção de poesia chamada “Segunda Feira de Poesia”, que se constitui em uma reunião de poemas de autoria exclusivamente feminina, onde se fazem presentes as poetisas Xênia Antunes, Letícia Moreira de Souza, Eunice Arruda, Lúcia Vilares, Maria Valencise, Leila Mícolis, Alda, Maria Lúcia Alvim, Miriam Chnaiderman, e Ana Cristina Cesar.

O ensaio que empresta o título à edição é de Maria Malta Campos, pedagoga e doutora em Ciências Sociais. “Mulher-objeto... de estudo” traz o resultado de inúmeras discussões realizadas no primeiro semestre de 1977 sobre a condição feminina por uma equipe de pesquisa da qual ela fazia parte. Campos discute os tópicos: “a oposição entre sujeito e objeto de análise”; “a oposição entre a importância relativa das contradições de sexo frente às contradições de classe social”; “a oposição entre uma visão psicológica e uma visão sociológica do tema” e “a oposição entre pensamento e ação”. A autora coloca em pauta aspectos que dificultavam os estudos feministas, como o envolvimento pessoal, porque as mulheres são teóricas/pesquisadoras e objetos de análise, o que acaba levantando questionamentos acerca da validade de seus trabalhos. Também destaca a linha tênue que separa estudos e atitudes, um dilema que ainda hoje vigora: onde começa a militância? A

investigadora conclui que ainda não tem resposta para o dilema, mas afirma que a ação feminista deve ir além da “atividade acadêmica pura e simples” (CAMPOS, 1979, p. 60).

Além de tratar dessas questões, Campos pondera ainda sobre a importância de se pensar as pautas feministas de acordo com os recortes de classe, relatando diferentes abordagens sobre o assunto. Levando em consideração que a revista escolhe o texto de Campos para titular seu número, pode-se concluir que as perspectivas feministas levantadas pela autora também são preocupações de *Almanaque* e que, portanto, fazem parte da sua proposta enquanto uma publicação que buscava romper com as estruturas dominantes.

No caso de *Versus*, o periódico não dedicou nenhum número específico ao tópico, mas o publicou em pelo menos 16 números, dos 39 lançados. Contudo, é necessário apontar que, apesar de trazer o tema em todas essas edições, em algumas são apenas pequenos textos, que dividem a página com outros assuntos e não são elencados no sumário. Outros são artigos mais longos, que ocupam mais de uma página, inclusive com destaque na capa, como é o caso de um debate entre Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, publicado no número 4, de abril de 1976, que sob o título “Sabe, Sartre, os seus livros são um pouco machistas”, abrange duas páginas. Na nona edição há um texto de cinco páginas, de Diana Bellessi, sobre as operárias latino-americanas em Nova York. Rosa Luxemburgo tem sua história contada por Mary Alice Waters em seis páginas, no número 30.

As especificidades da opressão das mulheres negras aparecem em alguns números, assim como os movimentos que empreenderam. Além do já mencionado texto de Neusa Maria Pereira, há publicações nos números 19, 24, 29 e 30. No 19, o pequeno ensaio “A quem interessam as mulatas” não é assinado por ninguém, mas comenta as variações da cor da pele do povo negro, demonstrando as diferenças socialmente construídas para tais variantes, afirmando que são necessárias para a perpetuação racista, por isso permanecem no imaginário dos brasileiros. Já a 24ª edição apresenta um trecho do poema “Moças das docas”, de Noémia de Sousa, poeta de Moçambique. O poema é uma exposição da vida das mulheres moçambicanas, especialmente as prostitutas, conhecidas por moças das docas.

Uma mulher negra com grande destaque na publicação é Thereza Santos, atriz, dramaturga, escritora e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e do movimento negro, que foi para a África quando passou a ser perseguida pela ditadura militar. Nos números 29 e 30 há uma longa entrevista intitulada “As raízes de Tereza Santos⁴”, onde a intelectual conta sobre sua passagem nos países africanos de Língua Portuguesa (Guiné Bissau, Cabo Verde e Angola), principalmente a respeito das dificuldades que enfrentou.

⁴ Embora a grafia do nome de Thereza seja com a letra H, *Versus* o escreve sem. Como é o título da entrevista, optamos por manter como está na revista.

Thereza desenvolveu diferentes trabalhos voluntários nesses lugares, como alfabetização e realização de peças teatrais. Na entrevista, ela também relata sua percepção sobre as mulheres africanas, tecendo relações com as brasileiras, sobretudo as negras.

É possível perceber que *Versus* conservou, em grande parte de sua trajetória, uma postura de colaboradora dos movimentos de mulheres. Inclusive, a redação do jornal *Nós, mulheres*⁵, um dos primeiros jornais feministas do país, começou seu trabalho no porão de *Versus*, convidada por Marcos Faerman, grande apoiador do projeto. A relação entre as publicações foi muito além da divisão de espaço, também foi marcada pelo compartilhamento de conteúdo e planejamento gráfico. Isso se deve ao fato de que muitas intelectuais atuaram em ambos os periódicos alternativos. Além de Rachel Moreno, fundadora do jornal feminista e atuante em *Versus* desde seu primeiro número lançado, também colaboraram as artistas Avani Stein, Conceição Cahú e Sandra Abdalla, as jornalistas Mariza Corrêa, Renata Villas-Boas e Vilma Gryzinski e a administradora Vera Lúcia de Jesus.

Entretanto, em 1979, *Versus* publica seu número 28 com a frase “A revolução (necessária) das mulheres” estampando a capa. O sumário apresenta o texto da seguinte forma: “Abrimos o debate sobre a questão da independência das mulheres. E procuramos Lênin para saber o que ele pensava. Mary Alice Waters descreve o encontro.” (*Versus*, 1979, p. 2). Porém, o texto da página 35, na verdade, é um trecho de uma conferência que Mary concedeu em 1972, na qual a jornalista discute a respeito da opinião de Lênin sobre o trabalho das mulheres e sua participação política, a partir de um folheto de Clara Zetkin, feminista e marxista. O sumário, portanto, omite o trabalho de duas mulheres. A revista não procurou Lênin, o trabalho de Mary já estava pronto há mais de sete anos na época em que foi publicado e não consiste em uma simples descrição, é um ensaio sobre o tema. Ela também não se encontrou com o revolucionário comunista, já que esse estava morto há cinquenta anos na época, quem o fez foi Clara, a qual não é citada previamente. A forma como *Versus* escreve seu sumário faz parecer que a iniciativa de abordar os pensamentos de Lênin foi sua. O texto de Mary é introduzido por Omar de Barros Filho, que garante um projeto editorial voltado às mulheres e suas reivindicações, pois é “um debate árduo e necessário” (Filho, 1979, p. 34). Embora Omar destaque na introdução que o texto é de Mary, o que foi escrito no sumário não é contraposto, mantendo a ideia de criação da revista.

⁵ Com circulação entre 1976 e 1978, o *Nós, mulheres* foi uma publicação feminista fundada pela Associação de Mulheres de São Paulo. O jornal publicou 8 edições, nas quais reivindicava a emancipação feminina, discutindo sobre diversos tópicos que envolviam os direitos das mulheres, como dupla jornada de trabalho, maternidade, liberdade sexual, igualdade salarial, entre outros.

Essas contradições nas personalidades das revistas são sintomáticas, pois fazem referência ao momento de transição em que estavam circulando. Os últimos anos da década de setenta foram caracterizados por uma complexidade eminente. Além do contexto ditatorial e a efervescência cultural da resistência, o qual fez com que muitas revistas ganhassem vida, esse período também testemunhou uma grande ruptura nos ideais determinados para as mulheres brasileiras, visto que os movimentos feministas tinham seu momento de maior expressividade no país até então, assim como os estudos feministas e sobre as mulheres estavam proliferando nas academias e em outros espaços de produção do saber. Essas circunstâncias resultaram em mudanças posteriores, como o aumento de mulheres alfabetizadas no país⁶, por exemplo. Por isso é possível caracterizar o final dos anos setenta como um período de transição para novos paradigmas políticos, culturais e sociais, sobretudo em relação às mulheres.

Por estarem imersas nesse complexo contexto, as duas revistas vivenciaram essa transição da realidade, a qual ainda era marcada pela massiva ausência das mulheres nos meios intelectuais e de produção do pensamento. *Versus* e *Almanaque* não eram periódicos de cunho feminista, nem foram criados para refletir exclusivamente sobre as condições de existência das mulheres, tal como o *Nós, mulheres*, por exemplo. Portanto, o modo como abriram suas redações para as mulheres intelectuais, bem como suas páginas para os movimentos feministas e discussões relacionadas, demonstra que sua essência era oposta à de grande parte da intelectualidade de resistência ao regime militar, que não via a importância da pauta. Como exemplo de tal afirmação, pode-se citar o jornal *O Pasquim* (1969 – 1991), um dos maiores representantes da esquerda intelectualizada, que, de acordo com Céli Pinto (2003), tratava as mulheres de forma vulgarizada, sendo o feminismo alvo de deboches e sátiras.

Considerações finais

A imprensa alternativa não foi um fenômeno uniforme, pelo contrário. Embora o princípio de resistência à ditadura militar fosse o denominador comum, tratou-se de um movimento com muitas faces. *Versus* e *Almanaque* comprovam essa característica multifacetada da manifestação alternativa. Ambas foram baluartes culturais, contudo, enquanto *Versus* propôs um projeto político-cultural assumindo seu posicionamento à esquerda, *Almanaque* usou das entrelinhas e dos não ditos para construir sua frente de oposição. Esta preocupava-se apenas com a censura para manter sua sobrevivência, já aquela também tinha em seu horizonte a precariedade financeira que poderia acabar com

⁶ De acordo com gráfico sobre o índice de analfabetismo no Brasil entre 1872 e 2009, o qual encontra-se disponível no texto *Mulheres educadas e a educação de mulheres* (2013), na página 162, de Fúlvia Rosemberg, presente no livro *Nova história das mulheres no Brasil*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro.

sua trajetória antes mesmo de qualquer repressão. Para além destas, outra significativa diferença que as compõem consiste em seus grupos intelectuais: a revista de Marcos Faerman foi protagonizada por jornalistas e repórteres, ao passo que a de Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Júnior, por professoras e acadêmicas universitárias. Suas redes intelectuais foram tramadas de modos bem distintos, portanto.

Dessa forma, o comportamento de ambas as publicações no que se refere às mulheres intelectuais não é o mesmo. Pesquisar a atuação das mulheres nesses espaços heterogêneos com base em uma análise comparativa permitiu reconstruir o cenário intelectual do final da década de setenta e, assim, compreender seu arranjo, comprovando, então, como as revistas culturais e literárias latino-americanas constituem-se como fontes históricas capazes de revelar a personalidade do presente em que circularam (Crespo, 2011). A partir de *Versus* e *Almanaque*, bem como das outras publicações referenciadas, comprovou-se a premissa de que a intelectualidade de resistência à ditadura militar foi majoritariamente composta por homens brancos de classes sociais privilegiadas.

Contudo, investigar essas duas publicações permitiu resgatar o trabalho intelectual de 184 mulheres que contribuíram com a luta pela redemocratização da sociedade pelo viés cultural, em um período tão violento e cruel da história nacional. História essa que sistematizou, ao longo dos séculos, a exclusão das mulheres como agentes, bem como silenciou suas experiências e realizações, constantemente as registrando como vítimas do processo histórico. Compreender *Versus* e *Almanaque* como fontes históricas, as quais conservam um registro das obras da intelectualidade feminina coletiva, possibilita ressignificar a história intelectual como uma narrativa também composta por mulheres.

Deste modo, a presente pesquisa evidencia que representar a resistência intelectual à ditadura militar apenas com figuras masculinas é uma prática equivocada, a qual perpetua uma organização histórica fundamentada pelos princípios patriarcais. As mulheres registradas ao longo deste trabalho contribuíram com o fazer história. Foram ativas no processo histórico, assim como sempre, a diferença é que agora elas estão inscritas, com suas experiências registradas e compartilhadas.

Referências bibliográficas

- Almanaque*. (1976). Desapresentação. *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaios*, São Paulo, 1.
- Araújo, M. P. N. (2000). *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. São Paulo, FGV.
- Barros Filho, O. (Org.). (2007). *Versus: páginas da utopia*. Rio de Janeiro, Beco do Azougue.
- Beauvoir, S & Sartre, J.P. (1976). Sabe, Sartre, os seus livros são um pouco machistas. *Versus*, 4.
- Belessi, D. (1977). Acertamos as contas, compadre! *Versus*, 9.
- Camargo, M. L. (1998). Não há sol que sempre dure. *Revistas Literárias Brasileiras: Anos 70. Boletim de Pesquisa NELIC*, 3 (31), 18-31.
- Camargo, M. L. (2010). Resistência e Crítica: Revistas Culturais Brasileiras nos tempos da Ditadura. *Boletim de Pesquisa Nelic*, 15 (10), 4-33.
- Campos, M. M. (1979). Mulher-objeto... de estudo. *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaios*, São Paulo, 10, 57-60.
- Costa, M. N. (2019). A mulher como intelectual pública. *Revista Diaphonia*, 1 (5), 175-181.
- Campos, M. M. (2018). *Ensaio no feminino*. São Paulo, LiberArs.
- Crespo, R. A. (2011). Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: Junqueira, M. A. & FRANCO, S. (orgs). *Cadernos de Seminários de Pesquisa: volume II*. São Paulo, USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011.
- (2018). Versus: um espaço da América Latina na imprensa alternativa (1975-1979). *Matrizes*, 2 (12), 281-307.
- Duarte, C. L. (2003). Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, 49 (17), 151-172.
- (2017). Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. *Revista XIX*, 4 (1), 95-105.
- (2016). *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX*. São Paulo, Autêntica.
- Ferman, M. (1976). As palavras aprisionadas. *Versus*, 7.
- Galvão, W. N. (2021). Memória: uma revista chamada Almanaque. *Ipseitas*, 2 (7), 6-23.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Griffin, S. (1977). A violação. *Versus*, 15.
- Martins, M. L. & Fonseca, C. L. (2021). Mulheres intelectuais em revistas culturais: a propósito de *Almanaque – cadernos de literatura e ensaio*. *Caderno de Letras*, 39, 139-154.
- Martins, M. L. (2022). Resistência, oposição e crítica: o papel de *Versus* frente à ditadura militar. Em Daltoé, A. S et al. *Marcas da memória: o que resta da ditadura na educação brasileira?* Campinas, Pontes.
- Moreno, R. *Marcos Faerman e o Nós Mulheres*. (2015). Disponível em: <<http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.
- Moreno, R et al. (1976). Debate: Situação da mulher no trabalho. *Nós, mulheres*, São Paulo, 1, 19.
- Pereira, N. M. (2015). *O Afro Latino América que vive em mim*. Disponível em: <<http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.
- (1977). Pela mulher negra. *Versus*, 11.
- Pinto, C. R. J. (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo, F. Perseu Abramo.
- Rosemberg, F. (2013). Mulheres educadas e a educação de mulheres. En C. B. Pinsky & J. M. Pedro, (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- Sarlo, B. (1992). Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América, Cahiers du Criccal*, 9-10, 9-16).
- Versus*. (1976). Aniversário. *Versus*, 6.
- Versus*. (1976). Aos leitores. *Versus*, 7.
- Versus*. (1979). Reflexus et delirius. *Versus*, São Paulo, n. especial quadrinhos.
- Vieira, I. (2013). Um humanista radical. *Observatório da imprensa*, 734, n.p..
- Waters, M. A. (1979a). A revolução das mulheres e Lenin. *Versus*, 28.
- (1979b). Rosa, a vermelha. *Versus*, 30.